

Lembranças de Graciliano

Salim Miguel

Na madrugada de 20 de março próximo passado morria Graciliano Ramos.

Com a morte do autor de *Angústia* perde a literatura brasileira de todos os tempos uma de suas figuras mais importantes e significativas.

E muito embora a notícia não fosse propriamente uma surpresa, dado o estado de saúde do escritor, nem por isso se pode dizer que tenha sido menor o choque.

Ainda abalado, tento alinhar algumas palavras sobre a maneira como o conheci. E as impressões que dele me ficaram.

Foi em começos de fevereiro de 1950 — lembro-me bem. Estávamos há dias no Rio. Já havíamos tido encontros com diversos escritores. E com a nossa curiosidade de provincianos, olhávamos avidamente para aquelas figuras que conhecíamos tão bem por intermédio dos livros, que, de uma forma ou doutra, considerávamos até amigos.

Comigo se dava — se dá — um fato curioso: escritores pelos quais nutro especial admiração, fico sem desejos de conhecer. Por um motivo muito simples. Temo que a pessoa em si mate o autor. Pois acontece, muitas vezes, que um escritor dá o melhor de si mesmo à sua obra, tornando-se, por sua vez, um ser de interesse relativo.

Por duas ou três vezes passara em frente à José Olímpio, ou mesmo entrara, no desejo de ver o Major Graça. Numa delas me indicaram: — “Olhe, lá no fundo, está o Graciliano”!

Olhei:

Sentado, pitando, lá estava ele. De mediana estatura, não magro mas seco, jeitão de caboclo, feições rudes. Falava calmamente com não sei quem.

Estivemos para ir falar com ele. Mas aquele meu receio voltou mais forte. Saí. O desejo porém de conhecer o escritor brasileiro moderno cuja obra mais me impressionara, persistia. Voltou mais forte. Era absurdo, me dizia, ter tido tal oportunidade e abandoná-la. E por quê?

Alguns dias depois, guiados pela Nair Batista, de volta de uma visita frustrada, passamos pela Livraria José Olímpio. Duas horas mais ou menos. Calor.

Entramos. Lá no fundo, como sempre, estava mestre Graça. Encaminhamo-nos para ele. Do resto só vagamente me lembro. Apresentação, conversa, discussões. Ficamos ali horas, ouvindo-o falar. Era o mesmo Graciliano dos livros. Nada perdia. Ao contrário. Ganhava. Um dos raros casos por mim encontrados em que a pessoa viva ganha do autor. E não, entenda-se, por um brilho superficial ou pelo vão desejo de aparecer. Em absoluto! Não que ele fizesse força para agradar. Sem qualquer resquício de atitude, de tirada, mantinha-se sincero e franco, parecendo mesmo o mais matuto e sem pose de todos.

Além da turma da revista “SUL”, da Nair Batista, estava também presente o poeta Jorge Medauar. E se não me falha a memória pouco depois chegava a Maura de Sena Pereira. Outros entravam e saíam; deles não guardo lembrança.

A conversa se espalhava. Mas só me recordo de Graciliano, do tom de sua voz, de seus gestos sóbrios, de suas frases incisivas. Também, confesso com franqueza, estava mais interessado em ouvi-lo do que em falar. Pouco disse. E que diria eu? Deixei que os demais puxassem a conversa. Falava-se de livros e autores. De repente estávamos todos metidos numa discussão, Jorge Medauar, extrovertido, se exaltava, gesticulando, enquanto Graciliano, calmamente, ia repetindo: — “mas meu caro, nunca pensei, como você é errado, aquele livro é uma grande porcaria, tem que ser!” E o Jorge: — “você já leu, você já leu, precisa ler, é diferente dos outros”... E voltava Graciliano com paciência: — “mas sim, já conheço os livros dele, esta história de livro que sempre desejei mas temi escrever é besteira da grossa”! Medauar sem se convencer, insistia.

De repente, em meio à conversa, Graciliano virou-se para mim, perguntou:

— E você, que faz?

Titubeei, gaguejei, a custo respondi:

— Uns... uns... pro... projetos de contos...

— Besteira — exclamou — besteira isto de uns projetos de contos. Ou faz ou não faz. Nada de projetos. Meta a cara, faça, faça, trabalhe muito...

Não me lembro quem, me parece que Eglê ou Pedro, passou-lhe uma “SUL” onde estava um conto meu. Primeiro folheou toda a revista, com paciência, com interesse, depois, num canto, se pôs a ler meu trabalho. Eu observando, tremendo. Leu um trecho, parou, voltou

atrás, leu mais um pedaço, tornou a parar, fechou a revista, com uma cara que me intimidou, que não consegui decifrar. Veio de novo para o grupo, guardou a revista. Felizmente ninguém perguntou nada e eu fingi que não tinha visto. Só no fim, quando nos despedíamos e eu imaginara já se ter ele esquecido, me disse que iria ler com calma e que depois, quando voltássemos ali, mealaria. Não voltamos.

Logo depois que ele se reuniu ao grupo Eglê disse:

— Gracialino, ele — apontando com um dedo para mim — gosta tanto de seus livros que ficou pensando se devia vir conhecer o autor ou não.

Enquanto sorria, sem dizer nada, Graciliano virou-se para responder a uma pergunta da Maura:

— Não, não gosto de poesia, não leio, não sei ler poesia...

— Mas meu livro...

— Muito obrigado, pode me dar, mas acredite que nada entendo disto e não vou ler.

Logo, a este respeito, se travou uma discussão em que todos tomamos parte.

Não me é possível transportar para o papel tudo o que falamos. Vou me guiando pela memória e deixo aqui trechos esparsos do que conversávamos. Talvez a ordem mesmo da palestra não tenha sido esta. Mas em síntese e no sentido, foi.

Sei, por exemplo, que ele me perguntou o que pensava dos livros dele.

Respondi que embora gostasse de *Caetés*, achava que era muito Eça. E ele:

— É uma porcaria, não vale nada, não presta.

— Mas...

— Verdade, acredite. Nem sei porque o publiquei.

Continuei:

— Gosto especialmente de *Angústia* e *Infância*, embora acredite que tanto *São Bernardo* quanto *Vidas Secas* possam ser considerados superiores. Mas é, para mim, uma questão de sentimentalismo, em especial quanto ao primeiro destes livros citados, que me abriu o caminho para a sua literatura.

Antes que Graciliano respondesse fomos interrompidos por alguém que perguntou se ele estava trabalhando em qualquer outro livro de ficção. Respondeu negativamente. Se alguma coisa pudesse realizar no

gênero, já estava feita. Está terminado. Trabalha atualmente em *Memórias da Cadeia*, reminiscência de seu período de prisão. “Passo horas — acrescentou — tentando ver se me lembro de uma frase, de uma palavra, pois quero ser o mais exato possível”. Não fazer nada de ficção, o mínimo possível de imaginação e o máximo de realidade. Um documento.

Esta preocupação do exato martirizava-o. Já estava no quarto e último volume, mas sempre voltava atrás, passava noites procurando se lembrar de uma passagem, tentando reconstituí-la. Falou-nos de seu método de trabalho, minucioso, paciente.

Não se zangava por ficarmos ali a sabatiná-lo.

E enquanto ali estávamos eu tentava recordar o que a respeito dele lera.

Sua vida, os trabalhos, as privações, a descoberta para a literatura através de um relatório que se tornara famoso, a prisão, os livros...

Tenho agora diante dos olhos a figura do escritor, muito calmo, mãos cruzadas, rosto chupado, no seu caixão. A fotografia mostra-o magro, sofredor, estóico, Mas não é assim que o recordo. Lembro-me dele como o vi saindo da Livraria José Olímpio, naquele fim de tarde. A imagem antiga vem e borra, dilui, a nova, substituindo-a. Revejo-o saindo, semi-curvado, cabeleira rala; depois de nos ter dado um forte aperto de mão. E numa brusca transição vejo-o entrando, em Porto Alegre, durante o IV Congresso de Escritores promovido pela ABDE. Foi no Teatro S. Pedro. Aclamado pelo público, presidira à sessão inaugural.

Depois, nas reuniões, durante aquela semana, lá estava ele, auxiliando e apoiando com sua presença.

Logo no primeiro encontro desfechei-lhe uma pergunta que levara engatilhada. Tratava-se do seguinte: quase toda a base da publicidade do livro de Gasparino Damata estava sendo realizada por conta de uns elogios feitos à obra lida, no original, por Graciliano Ramos. Em vista disto, não tive dúvidas. Comprei o romance, ainda não o terminara de ler, mas, embora achasse algumas possibilidades, tratando-se de uma estréia, o livro me desagradara, me parecera forçado. Graciliano não teve dúvidas, foi logo me explicando: “sim, na verdade depois que lera a obra dissera que se o autor aguardasse durante algum tempo, e mais tarde a traduzisse, daria um bom livro...”

Os dias decorreram num turbilhão. Reuniões e mais reuniões. Pouco tempo se tinha para conversa mais calma. Apenas, como sentávamos perto dele, pude observá-lo demoradamente. Mantinha-se o mesmo. Um tanto mais magro, um tanto mais seco, um tanto menos amargo, sempre ríspido, mas de uma rispidez que escondia uma grande simpatia por todos. Trocávamos breves palavras. Recordo-me que numa dessas rápidas palestras falou-nos de sua passagem por Florianópolis — viajara por terra — tendo chegado aqui quase ao anoitecer e saíra na manhã seguinte. À noite desceu, mais a filha Clarita, mais o Miécio Tati, andou pelo jardim, pela Felipe Schmidt, entrou num café, sentou-se, ficou observando a gente que passava e se notando observado... depois viu que não era ele. Mas a filha que estava de “slack”. Riu do fato. E não o encontramos... Falou-nos especialmente da impressão que lhe causara Joinville, uma cidade limpa, agradável. Como iria voltar por cima, por Lajes, embora insistíssemos, disse ser impossível mudar o rumo e passar por Florianópolis. Queríamos que fizesse uma palestra. Negou-se. Disse que “não era dessas coisas”. Depois prometeu, sim, mais tarde, noutra oportunidade, viria.

Dessa semana de convívio recordo especialmente a sessão de encerramento. E nada melhor do que transcrever aqui estas palavras das por ele pronunciadas naquela ocasião:

“Necessitamos novas reuniões. Falar, discutir, brigar às vezes. Ótimo. Sairemos desta luta fortalecidos. Lá fora defenderemos os nossos interesses e a cultura exígua de que somos capazes. Surgirão descontentamentos, é claro: sempre haverá quem diga de nós cobras e lagartos. Que fazer? Estamos habituados, estas ofensas não nos perturbarão. Adeus amigos...”

Era, na verdade, para nós, um “adeus”. Não mais com ele tivemos contato. Pouco depois soubemos que viajara, para a U.R.S.S., que voltara, que fora à Argentina, que retornara desenganado sem nada ter conseguido, incurável, com meses de vida.

E pouco depois de haver completado 60 anos, quando lhe foi prestada uma das maiores e mais tocantes manifestações de que se tem memória, morria.

Mas dele ficará, para sempre, ao lado de uma obra que já se tornou clássica, o exemplo de uma vida, tão importante quanto a obra.

Deixa inéditos *Impressões de Viagem* (inacabado), os dois primeiros atos de uma peça teatral (conforme declarou à imprensa Paschoal

Carlos Magno), e *Memórias da Cadeia*, em 4 volumes. além de uma antologia de contos de autores brasileiros, trabalho a que se dedicara carinhosamente.

Esperamos que bem logo tenhamos impressos todos estes livros que virão completar um dos mais poderosos documentos literários de nossa época.

Graciliano, homem e autor, é a nosso ver, um exemplo que deve ser seguido pelos que se iniciam nas letras. E dele, acreditamos, quase nada há a recusar. Soube, com precisão, documentar uma época, traçar, amargamente porém não menos sinceramente, o retrato de um determinado período, de um determinado estágio da sociedade brasileira. Deixou uma impressionante galeria de tipos, personagens verídicos, torturados, abandonados. E escreveu algumas das melhores páginas da literatura brasileira, como, por exemplo, em "Baleia" em "Soldado Amarelo", de "Vidas Secas" ou ainda de *Infância*, *Angústia* e *São Bernardo*. Em qualquer de seus livros se encontra, porém, acima de tudo, fidelidade artística, fidelidade artística e humana. Nunca falseou, nunca dourou a pílula, nunca tergiversou. Soube sempre, qualquer que fosse a ocasião, dizer as coisas de frente, com franqueza. Por isto não acreditamos seja sua literatura apenas pessimista como querem alguns. É ela especialmente revolucionária. Pelo conteúdo, pela maneira de encarar os problemas, pelo desejo de melhoria. Sóbria, precisa. exata.

Por tudo isto, de Graciliano pessoa e de Graciliano artista, nos ficará a lembrança de um homem. Um homem interessado, um homem preocupado com os problemas de uma época, um homem não desligado, não torre de marfim, mas atuante. Sem que, por isso, fosse prejudicada a obra literária. Ao contrário.

Deste contato só tinha ela a ganhar. E ganhou. E mais ganharia se mais vivesse ele.

Quando muitas pseudo obras já tiverem sumido no tempo, não duvidamos, mais valorizada estará a de Mestre Graça.

(in *Sul*. Florianópolis, a. 6, nº 19, maio de 1953).



Da esquerda à direita Hugo Mund Jr Edison Carneiro Ari de
Andrade Clara Ramos Graciliano Doralecio Soares Salim Miguel
Eglê M. Jhaimes e O. J. M. M. e S.